



A Santa Sé

PRIMEIRAS VÉSPERAS DA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS E TE DEUM DE AÇÃO DE GRAÇAS PELO ANO QUE PASSOU

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

Terça-feira, 31 de dezembro de 2019

[Multimídia]

«Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho» (G/4, 4).

O Filho enviado pelo Pai montou a sua tenda em Belém de Efrata, «tão pequenina entre as aldeias de Judá» (Miq 5, 1); viveu em Nazaré, cidadezinha nunca mencionada nas Escrituras, a não ser para dizer: «Pode alguma coisa boa vir de Nazaré?» (Jo 1, 46), e morreu descartado pela grande cidade, por Jerusalém, crucificado fora dos seus muros. A decisão de Deus é clara: para revelar o seu amor, Ele escolhe a pequena cidade e a cidade desprezada, e quando chega a Jerusalém une-se ao povo dos pecadores e dos descartados. Nenhum dos habitantes da cidade se dá conta de que o Filho de Deus que se fez homem caminha pelas suas ruas, provavelmente nem sequer os seus discípulos, que só com a ressurreição compreenderão plenamente o Mistério presente em Jesus.

As palavras e os sinais de salvação que Ele realiza na cidade suscitam admiração e entusiasmo momentâneos, mas não são entendidos no seu pleno significado: dali a pouco já não serão lembrados, quando o governador romano perguntar: «Quereis libertar Jesus ou Barrabás?». Jesus será crucificado fora da cidade, no alto do Gólgota, para ser condenado pelo olhar de todos os habitantes e escarnecido pelos seus comentários sarcásticos. Mas dali, da cruz, da nova árvore da vida, o poder de Deus atrairá todos a Si. E também a Mãe de Deus, que aos pés da cruz é a Nossa Senhora das Dores, está prestes a estender a sua maternidade a todos os homens. A Mãe de Deus é a Mãe da Igreja e a sua ternura materna chega a todos os homens.

Deus montou a sua tenda na cidade... e dali nunca se afastou! A sua presença na cidade, até nesta nossa cidade de Roma, «não deve ser criada, mas descoberta, desvendada» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 71). Somos nós que devemos pedir a Deus a graça de novos olhos, capazes de «um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças» (*ibidem*). Na Escritura, os profetas advertem contra a tentação de vincular a presença de Deus somente ao templo (cf. *Jr* 7, 4): Ele habita no meio do seu povo, caminha com ele e vive a vida dele. A sua fidelidade é concreta, é proximidade à existência quotidiana dos seus filhos. Aliás, quando Deus quer renovar todas as coisas através do seu Filho, não começa a partir do templo, mas do ventre de uma mulher simples e pobre do seu Povo. Esta escolha de Deus é extraordinária! Não muda a história através dos homens poderosos das instituições civis e religiosas, mas a partir das mulheres da periferia do império, como Maria, e dos seus ventres estéreis, como o de Isabel.

No Salmo 147, que há pouco recitamos, o salmista convida Jerusalém a glorificar a Deus, porque Ele «envia a sua Palavra sobre a terra, a sua mensagem corre veloz» (v. 4). Pelo seu Espírito, que pronuncia a sua Palavra em cada coração humano, Deus abençoa os seus filhos e encoraja-os a trabalhar pela paz na cidade. Nesta noite gostaria que o nosso olhar sobre a cidade de Roma capturasse as coisas do ponto de vista do olhar de Deus. O Senhor alegra-se ao ver quantas realidades de bem são realizadas cada dia, quanto esforço e quanta dedicação há na promoção da fraternidade e da solidariedade. Roma não é apenas uma cidade complicada, com muitos problemas, desigualdades, corrupção e tensões sociais. Roma é uma cidade sobre a qual Deus envia a sua Palavra, que se aninha através do Espírito no coração dos seus habitantes, impelindo-os a crer, a esperar apesar de tudo e a amar lutando pelo bem de todos.

Penso em muitas pessoas corajosas, crentes e não-crentes, que encontrei ao longo dos anos e que representam o “coração palpitante” de Roma. Verdadeiramente, Deus nunca deixou de mudar a história e o rosto da nossa cidade através do povo dos mais pequeninos e pobres que a habitam: Ele escolhe-os, inspira-os, motiva-os à ação, torna-os solidários, estimula-os a ativar redes, a criar vínculos virtuosos, a construir pontes e não muros. É precisamente através destas inúmeras torrentes de água viva do Espírito que a Palavra de Deus fecunda a cidade, fazendo dela uma «mãe feliz de muitos filhos» (*S/* 113, 9).

E que pede o Senhor à Igreja de Roma? Confia-nos a sua Palavra e exorta-nos a travar a luta, a envolvermo-nos no encontro e na relação com os habitantes da cidade, para que «a sua mensagem corra veloz». Somos chamados a conhecer os outros e a colocar-nos à escuta da sua existência, do seu grito de ajuda. A escuta é já um ato de amor! Ter tempo para os outros, dialogar, reconhecer com um olhar contemplativo a presença e a ação de Deus nas suas vidas, testemunhar com obras e não com palavras a nova vida do Evangelho, é verdadeiramente um serviço de amor que transforma a realidade. Com efeito, agindo assim circula ar novo na cidade e também na Igreja, com o desejo de nos pormos novamente a caminho, de superar as velhas lógicas de oposição e os muros, de colaborar juntos, edificando uma cidade mais justa e fraterna.

Não devemos ter medo nem sentir-nos inadequados para uma missão tão importante. Lembremos: Deus não nos escolhe por causa do nosso “talento”, mas precisamente porque somos e nos sentimos pequeninos. Agradeçamos-lhe a sua Graça, que nos amparou durante este ano e, com alegria, elevemos a Ele o cântico de louvor.